

TIAGO REBELO

*UM HOMEM
ESCANDALOSO*

ASA

Quando os três filhos se foram embora, ao fim de quinze dias a viverem com ele, João Pedro fechou a porta e foi sentar-se no sofá da sala a olhar para a parede e a fumar. Estava esgotado. Em redor, no chão, havia roupa de criança, peças de jogos e brinquedos largados ao acaso. Havia um copo de leite com chocolate derramado sobre a alcatifa e muitas, muitas bolachas que tinham sido usadas como munições numa guerra fratricida. Algumas dessas bolachas haviam sido esmagadas pelos pezinhos dos gémeos e pelas mãozinhas papudas do bebé. Tinham passado a manhã naquilo, os dois mais velhos, de seis anos, a guerrearem-se, o bebé a gatinhar de uma bolacha para a outra, a sentar-se, a agarrá-la, a esmagá-la com a mão, apanhando depois as migalhas do chão para as enfiar na boca. João Pedro não os repreendeu porque já lhe faltava o alento para os contrariar. Adorava os filhos, mas nessa manhã sentia-se demasiado cansado e profundamente aliviado por saber que Clara os viria buscar às onze.

Ela foi pontual. Bateu à porta, recusou o convite para entrar, como de costume — a cerimónia fria de Clara afigurava-se-lhe sempre estranha, tendo em conta que tinham uma história de dez anos de intimidade. Mas, enfim, supunha que era o seu modo de dizer *és uma besta quadrada*, sem o verbalizar. O ressentimento ainda persistia e João Pedro desconfiava que não desapareceria tão cedo, se é que alguma vez desapareceria.

Ele compreendia-a, ela deixara-o porque a desiludira. Não fora, de modo algum, propositado, mas ainda assim não deixava de parecer uma perfídia. Era, claro, uma traição ao

projecto comum e a toda a dedicação dela ao casamento. Até ele era capaz de perceber que Clara pensasse assim. João Pedro decidira logo que não diria nunca a frase «não há nada de errado contigo, o problema sou eu» — embora fosse claramente o caso —, pois soava-lhe muito parecida com «isto não é o que parece», e só iria sublinhar o sentimento de traição que a consumia.

O facto de Clara ter voltado a casar com o patrão seis meses depois de se terem divorciado e depois de o outro ter deixado a mulher e os filhos, parecia não ter diluído nem um bocadinho a raiva que sentia por ele. Clara acabara de chegar da lua-de-mel nas ilhas Maurícias com o patrão e, a ajuizar pela atitude irrevogavelmente distante, nada tinha mudado em relação a ele.

João Pedro contemplou a sala com um misto de desalento e de alívio. Parecia ter passado por ali um furacão, porém, decidiu não arrumar nada e aproveitar as primeiras horas de liberdade de qualquer maneira, não interessava como, desde que saísse dali e fosse dar uma volta.

Era domingo, faltavam três semanas para o Natal e havia uma árvore gigante no Terreiro do Paço, iluminações ao longo da Avenida da Liberdade, em volta do Marquês de Pombal e um pouco por todos os bairros de Lisboa. A capital fervilhava com as festas da época: concertos, animações de rua, fogo-de-artifício, feiras e acções com o comércio local. João Pedro passava ao lado da maior parte destes eventos, mas apreciava o espírito de Natal e sentia-se animado ao ver a cidade decorada.

Conduzia ao acaso e em velocidade de passeio o seu velho *Volvo* a precisar de reforma, do qual não se desfazia por ser avesso a mudanças e porque, bem, porque se estava simplesmente nas tintas para o carro. De qualquer modo, quase nunca o usava. Foi do Restelo até ao Cais do Sodré, seguindo ao lado

do rio. Uma bela manhã invernosa faiscava num Tejo arreliado. As primeiras horas do dia cobriram-se de pesadas nuvens de má catadura, mas o sol agora já rompia, brilhando alegremente.

Passou enfim o Terreiro do Paço, o Rossio, subiu ao Marquês e acabou por se decidir pelas Amoreiras. Imergiu pela rampa do parque de estacionamento do centro comercial com a ideia feliz de visitar a livraria, comprar um jornal, uma revista de arte, sentar-se algures a tomar um café e deixar-se ficar o tempo que lhe apetecesse, sem horas, sem obrigações, em suma, sem responsabilidades.

Ia a pensar em Clara e na sua expressão de rancor, que mudara de imediato, abrindo-se num amplo sorriso ao ver os filhos. Clara abraçara e beijara muito os filhos, com alegria genuína, e levara-os para casa bem apertadinhos a si. Tinham partido sem dizer adeus, embrenhados numa algazarra alegre, distraídos pela urgência de matarem as saudades. Clara não lhes chamara à atenção para que se despedissem do pai, aliás, também ela se fora embora sem uma palavra, nem sequer se preocupara com a passagem de testemunho normal destas ocasiões: a que horas o bebé tomara o último biberão, o anti-histamínico do irmão, a bomba para a asma do outro, enfim, essas coisas. Mas ela era Clara, a supermãe, e lá se arranjaría sem a sua ajuda.

João Pedro calculou que ela viera das Maurícias carregada de presentes para os filhos e que haveria um Natal antecipado lá em casa. Clara não se poupava para satisfazer todos os caprichos dos gémeos, mimava-os demais, no entender de João Pedro. Já tentara abordar o assunto, na esperança de a levar a ser mais razoável nesse particular, mas a reacção fora desanimadora e até um pouco agressiva. Clara encrespava-se, fizera-lhe uma longa prelecção sobre os seus predicados de

mãe, acusara-o de se sentir despeitado por ela gastar dinheiro com os gémeos porque o poder de compra dela aumentara consideravelmente com a sua nova e muito feliz relação.

Em suma, disse:

— João Pedro, vai-te foder com os teus falsos moralismos só porque eu posso oferecer uma boa vida aos nossos filhos, coisa que antes não acontecia com a mesma facilidade, porque tínhamos o dinheiro todo contado, graças a ti.

E era bem verdade, antes, tinham o dinheiro contado e, nos derradeiros tempos, praticamente já só viviam do ordenado dela porque os quadros de João Pedro deixaram de se vender à medida que a crise avançava e esmagava a economia e as pessoas. Porém, no momento em que ela lhe atirou à cara o fracasso dele e sugeriu que tinha mais poder de compra do que ele, já não era exactamente assim, pois a sorte de João Pedro mudara. Bem, talvez não tivesse mudado pelas melhores razões — daí mais uma justificação para o ressentimento de Clara —, mas mudara e não fora pouco.

Clara costumava ser uma mulher comedida que levava a vida sem se queixar. Tratava das contas da casa com um rigor espartano e o dinheiro, ou a falta dele, jamais constituía um problema. Viviam com relativamente pouco, mas sem lhes faltar o essencial, e isso nunca fora uma questão nem um entrave à felicidade deles, porque João Pedro não era homem de grandes gastos e Clara não ambicionava vestidos de marca, jóias caríssimas ou viagens a lugares exóticos. Clara, porém, desejava muito mais do que a marca da roupa ou o brilho do diamante, ou não se teria casado com ele a imaginar que, um dia, os seus quadros lhe trariam o reconhecimento público, as honrarias das condecorações presidenciais, o prestígio dos leilões da Christie's com preços de vendas a baterem recordes.

UM HOMEM ESCANDALOSO

Justamente, o falhanço de João Pedro era o fracasso de Clara que, vendo os seus sonhos defraudados, se livrara dele insensivelmente, deitando-lhe todas as culpas, e, à falta das honrarias, contentara-se com um segundo casamento endinheirado e tornara-se uma mulher sofisticada. Estava rejuvenescida: vestia mais caro, fazia luas-de-mel em *resorts* de luxo nas ilhas Maurícias, dizia ao ex-marido que se fosse foder! O dinheiro tinha destas coisas.

João Pedro sentou-se a uma mesa no café com um sorriso nos lábios, rodeado de jornais e revistas, pois entusiasmara-se e acabara por comprar um festim de literatura com que tencionava banquetear-se na próxima hora.

Mais tarde, satisfeito com a leitura, enfiou tudo num saco, pagou a conta e, como não tinha grande vontade de voltar para casa, pôs-se a deambular pelos corredores do centro comercial. A certa altura, deteve-se perante a montra de uma loja de animais a admirar um cãozinho que atraiu a sua atenção. O bicho dormitava no interior de um cubículo de acrílico transparente. Era um boxer, reconheceu logo a raça, ainda que estivesse meio camuflado por um montinho de palha que lhe servia de cama e no qual se afundava.

Quando era miúdo, João Pedro odiava aqueles cães. Não porque tivesse tido algum episódio infeliz com um deles ou que se assustasse particularmente com os boxers, mas porque, bem, como dizer isto?, digamos que a sua fisionomia fazia lembrar a dos boxers um pouco mais do que ele desejaria. João Pedro tinha prognatismo e, tal como nos boxers, a mandíbula inferior proeminente era a sua característica mais evidente. Na realidade, essa característica condicionara decisivamente a sua forma de se relacionar com o mundo, definira o seu carácter até aos dias de hoje.

Para compreender verdadeiramente uma pessoa é preciso regressar à sua infância, à época das cavernas do seu *eu* incerto. As crianças conseguem ser incomensuravelmente mais cruéis do que os adultos, pois não medem a dimensão da sua crueldade nem têm

a noção da perenidade dos efeitos psicológicos que provocam. João Pedro foi trucidado pela maldade numa altura em que ainda estava a formar a sua personalidade, aos onze anos. Era então um rapazinho tranquilo, ensimesmado, de uma simpatia correcta. Ninguém daria por ele, não fosse a estatura invulgarmente alta e a fealdade caricata das feições. Uma fatalidade. A natureza fora ingrata com ele ao dar-lhe um rosto que não passava despercebido pelos piores motivos. Mas também lhe dera um corpo alto e forte e umas mãos enormes, porventura, só por esta razão: para que pudesse esmurrar impiedosamente quem se atrevesse a gozá-lo. E João Pedro haveria de aproveitar essa sua vantagem uma vez por outra ao longo da vida, mas não seria suficiente, havia demasiada bondade naquela alma pacata que preferia a solidão de um casulo a enfrentar o desconchavo do torpe insulto.

Mas nada disto atrapalhava ainda a felicidade de João Pedro, que só agora iria começar a sofrer as consequências de ser diferente.

A aversão que uma criança tem por outra pode surgir pelas mais variadas razões. Neste caso, nem chegava a ser exactamente aversão mas o puro e simples instinto de sobrevivência a impor-se na mais tenra idade sem que o próprio perpetrador tivesse a noção exacta disso, ou se apercebesse das implicações psicológicas que estavam na origem da sua conduta infame. A criança em questão chamava-se Joca, colega de escola de João Pedro. Joca seria a abreviatura de José Carlos ou João Carlos, algo assim, não interessa, o que interessa é que ele ser tratado pelo diminutivo já sugeria que fosse uma criança mimada, com uma educação excessivamente condescendente e com tendência para a rebeldia e para a insolência. Em contraponto, João Pedro era tratado correctamente pelo seu nome completo. João Pedro dificilmente seria chamado por um diminutivo, não lhe caía bem,

porque era um rapaz sossegado, muito certinho, cumpridor, bom aluno, incapaz de sair da linha.

Dir-se-á que é uma especulação disparatada ajuizar o carácter pelo nome, será, mas era preciso conhecer o miúdo para se entender que não é exagero. Joca era, realmente, um miúdo com uma educação deficiente, pouco respeitador e caprichoso, quase uma criança no seu estado selvagem.

O instinto de sobrevivência de Joca começou a manifestar-se bem cedo, em consequência de ser muito pequeno. Era, de facto, o mais baixo da turma, mas também o mais reguila. Insidioso e matreiro, Joca apontou baterias a João Pedro, o bom gigante que ele quis subjugar para mostrar a todos quem é que mandava. Pressentiu fraqueza no carácter apagado de João Pedro e começou a implicar com ele com uma persistência obsessiva. Deu-lhe a alcunha de boxer e punha a turma a rir ao imitar a cara de prognata de João Pedro. Fazia-se seu compincha para logo lhe estender o braço à frente da cara e dizer «morde aqui, morde», provocando a risada geral.

Joca arrastava os outros miúdos que, perante a passividade de João Pedro, se sentiam livres para o massacrar sem piedade. E ele, intimidado, não retaliava, ficava-se com um sorriso embaraçado. Até o badocha da turma, que era gozado a torto e a direito, sabia que se se risse das piadas parvas dos colegas o deixavam em paz. Mas João Pedro quando se ria fazia uns barulhinhos estranhos, como se estivesse engasgado, e, pior do que isso, acentuava o seu prognatismo de tal modo que só conseguia que o gozassem ainda mais.

Na aula, João Pedro tinha um comportamento exemplar, concentrava-se muito nas palavras da professora e, enquanto os outros brincavam, ele aprendia, mas como conseguia as

melhores notas da turma, aumentava os ressentimentos contra si. João Pedro não provocava ninguém e não merecia que o tratassem mal, mas também não facilitava, não era um rapaz descontraído e aquela tendência para ser mole e calado mexia com os nervos dos colegas. Os miúdos não sabiam lidar com a diferença e sentiam-se compelidos a implicar com ele. Os próprios professores, conscientes de que João Pedro tinha dificuldade em integrar-se, comentavam nos gabinetes que o rapaz não era normal.

Uma sala de aula pode ser a microrepresentação da realidade adulta com tudo o que há de melhor e de pior nesta. É possível fazer tantas analogias quanto a imaginação nos permitir. A turma forma uma espécie de grupo social. O que une os seus membros é a origem cultural, o objectivo do conhecimento, a obtenção de ferramentas para ganhar a vida. Esta pequena sociedade é governada pela professora, que estabelece as regras e as aplica. Os alunos são avaliados conforme o seu desempenho e, entre eles, surgem rivalidades que podem ter que ver com a concorrência laboral, com antipatias pessoais, ou com ambas. Formam-se no grupo pequenos subgrupos onde despontam líderes que se propõem humilhar os rivais, quando não mesmo a chefe de estado — a professora. Se esta for demasiado branda e não tiver mão nos pequenos cidadãos, os maiores agitadores de entre eles não hesitam em liderar revoluções e as aulas transformam-se em terríveis campos de batalha, espalhando o caos e a iniquidade. A sociedade entra em declínio, o conflito favorece a ignorância e no final do ano os alunos são reprovados, uns porque não estudaram e estragaram as aulas, os outros porque não conseguiram ter boas notas por falta de condições para aprender.

Agora, imaginemos que o terrível Joca é um desses líderes revolucionários, um perito em *agitprop*, e João Pedro um resistente passivo, um alvo a abater porque não colabora na

revolução. Joca quer humilhá-lo para que sirva de exemplo e para reforçar a sua popularidade com a desgraça de João Pedro. Joca, sendo um especialista na luta subversiva, prepara uma acção terrorista para atingir João Pedro.

Na aula de matemática, Joca vai sentar-se na carteira imediatamente em frente da de João Pedro. A professora está de costas a escrever equações no quadro. Reina a tranquilidade e nada faz prever um incidente grave. Nessa altura, Joca dá um salto intempestivo na cadeira e começa a uivar agarrado à cabeça. Está o caldo entornado. A professora volta-se, pára a aula, pergunta o que se passa. Joca aponta para João Pedro e acusa-o:

— Ele bateu-me!

— Eu?! — exclama o colega estupefacto.

— Sim, tu, porque é que me batestes?!

— Mas eu não te bati... — contesta João Pedro, desorientado.

— Batestes, batestes, uiiii, porque é que me batestes?

— Mas, eu juro que não fiz nada!

— Batestes-me.

— Não bati!

— Batestes. Stôra, ele bateu-me.

— Não bati!

— Batestes!

— Não bati!

— Batestes sim!

— Chega!! — grita a professora, já enervada.

Cai um silêncio tenso na sala. A professora inicia uma breve investigação, procura testemunhas que a ajudem a apurar a verdade, mas, como é comum nestas situações, ninguém denuncia ninguém. A professora sente-se pressionada, tem de continuar a aula mas não pode deixar de exercer a autoridade que lhe assiste, de modo a não perder a face. Toma, portanto, a

decisão mais expedita, injusta e incompetente, que consiste em, na dúvida, penalizar os dois.

— Os dois para a rua, já! — ordena, apontado para a porta da sala.

As pessoas mais caladas são as mais perigosas, já se sabe. Vão acumulando em silêncio as ofensas de todos os dias até chegarem a um ponto em que explodem. Quer dizer, há limites para tudo e até um miúdo inocente e passivo como João Pedro tinha um limite para a sua capacidade de tolerância e, desta vez, Joca excedera-se e acordara o gigante adormecido.

Depois de expulsos da aula, chegando os dois ao corredor deserto, Joca fez aquele seu sorriso de tratante e deu uma palmadinha nas costas de João Pedro, nada de ressentimentos, foi só uma partida, certo? Mas, nessa altura, João Pedro já não estava pelos ajustes, deixou de ver, saltou-lhe a tampa, passou-se, bateu-lhe. Num momento, Joca estava de pé a rir-se, no momento seguinte estava estatelado no chão com uma máscara de sangue no rosto.

A cena em câmara lenta: o punho cerrado de João Pedro salta para a frente como uma mola e atinge com um baque seco e poderoso o sorriso aberto de Joca. Podemos ver com formidável clareza vários dentes a saltarem-lhe da boca, ao mesmo tempo que a cabeça de Joca é atirada para trás como se tivesse levado em cheio com uma bola de demolição pendente de um guindaste. Joca levanta os pés do chão e o corpo, incapaz de contrariar o impulso, segue a cabeça. Joca cai, está no chão atordoado, depois, lentamente, senta-se em estado de choque e a expressão no seu rosto ensanguentado é a imagem de alguém a tentar perceber o que lhe aconteceu. Está desdentado, aturdido, desorientado. Tem vários rasgões internos na boca e sangra abundantemente. Em seguida, começa a chorar como um menino desamparado e desejoso do colo da mãe.

Agora sim, Joca tem razão para se queixar de que João Pedro lhe bateu.

Os pais de Joca entraram pela escola adentro em passo marcial, beligerantes, irromperam pela sala da direcção, fizeram um escândalo. Pediram satisfações, ameaçaram com processos judiciais, exigiram um castigo exemplar e, sobretudo, definitivo! Não aceitavam que João Pedro fosse só suspenso, queriam-no expulso da escola, exterminado, atirado para a valleta, impedido de estudar naquela escola, pelo menos enquanto Joca lá andasse. Caso contrário, haveria sangue, queixas-crime, batalhas judiciais! Iam até às últimas consequências para esmagar o vermezinho, instruiriam os seus advogados para pedirem uma indemnização tão avultada que ainda seria recordada muitos e muitos anos depois. Ou seja, usaram a artilharia toda: os processos, os *nostros* advogados, o dinheiro, a intimidação. Enfim, uma brutalidade. O rebento era o espelho dos pais, bem entendido.

Felizmente para João Pedro, o director não se deixou atemorizar. Esperou que os pais de Joca baixassem o tom e perdessem o balanço, para depois os chamar à razão. Qual razão, qual quê, eles queriam era acção! Mas o director, calmo e inflexível, teve só um argumento: o filho deles tinha um longo historial de indisciplina, e João Pedro era um rapaz exemplar que nunca dera problemas. Dito isto, ficar-se-iam por uma suspensão de alguns dias, ou então não seria só um, mas os dois suspensos. A mãe olhou o marido chocada, ele encolheu os ombros conformado. «Seja», disse.

João Pedro permaneceu duas semanas em casa, o que não foi tão mau como isso. Até se sentiu um pouco confuso com o castigo, que lhe pareceu um prémio, como se lhe tivessem dito:

«Bateste no miúdo mais odioso da escola, tens direito a duas semanas de férias.» Mas o ambiente em casa ficou pesado. O pai deu-lhe uma tremenda descompostura, a mãe teve um ataque de nervos, muito triste, com uma lágrima no olho, sempre a dizer que a tinha desiludido profundamente. E de nada lhe valeu explicar-lhes que não tinha culpa nenhuma, que Joca é que começara.

— Ele é um mentiroso, disse que eu lhe tinha batido e, por causa disso, fui expulso da aula.

— Ah, e, por causa disso, partiste-lhe os dentes — retorquiu o pai, exasperado.

De facto, visto assim, a frio, até parecia que não tinha razão. A parte dos dentes foi difícil de justificar, talvez se tivesse excedido um bocadinho.

— Mas ele é que começou! Eu não lhe fiz nada e ele acusou-me de lhe ter batido.

— Bateste e não foi pouco — disse a mãe.

— Mas isso foi depois.

— Mandaste-o para o hospital — recordou o pai.

— Foi sem querer. Não queria bater-lhe com tanta força.

Até este episódio ocorrer, João Pedro não tinha a noção de que era tão forte. Nunca se envolvera numa luta com ninguém. Se tivesse irmãos, seria natural que andasse à pancada com eles de vez em quando, mas, sendo filho único, não desenvolvera a agressividade.

Teve duas semanas de reclusão em casa a estudar para não se atrasar nas matérias. Em compensação, Joca também não se ficou a rir. Rir era mesmo o que ele não poderia fazer enquanto não fosse ao hospital tirar os pontos da boca e não lhe dessem uns dentes novos para não parecer um velhinho. Feitas as contas, Joca ficou igualmente duas semanas em casa, só que a comer por uma palhinha.

Quando voltaram a encontrar-se na escola, Joca mostrou-se carrancudo. A parte boa é que nunca mais falou com João Pedro e, sobretudo, nunca mais o gozou. De resto, ninguém voltou a importuná-lo e a vida dele ficou muito mais facilitada. Sabia que continuavam a gozá-lo pelas costas, porque havia sempre um amigo da onça que vinha contar-lhe qualquer coisa, mas fazia-se de desentendido. Por um lado, não podia bater em todos os colegas e, por outro, não se sentia muito incomodado com isso. Desde que não o chateassem directamente, podia viver com isso.

Poder-se-ia supor que, depois deste episódio, João Pedro se tivesse tornado um rapaz confiante e exuberante, mas essa não era, definitivamente, a sua natureza. João Pedro continuou o mesmo miúdo tímido, tranquilo e cumpridor. Quem o conhecesse, diria sem hesitar que não iria longe, nunca sobressaíria, mas o mundo estava cheio de pessoas assim: ninguém dava nada por elas e afinal surpreendiam. Portanto, nunca se sabia.

3

João Pedro podia parecer pouco inteligente, mas não devemos confiar nas aparências. Era circunspecto e dado à contemplação, acontecia-lhe permanecer largos minutos a observar uma coisa qualquer, como se tivesse ausências, embora estivesse de facto a pensar em algo, a efabular. Poderia ter-se tornado escritor, mas tinha outra vocação mais forte.

Desde que recebera a sua primeira caixa de lápis, com três anos, João Pedro começara a desenvolver o talento para pintar. Tinha um jeito natural para o traço, recusava-se a sair de casa sem os lápis e um caderno e todos os lugares eram bons para desenhar. Se acompanhava a mãe ao cabeleireiro entretinha-se a desenhar; se ia com o pai ao café desenhava enquanto o pai tomava a bica e lia o jornal. No início eram só uns rabiscos toscos, mas antes de completar os seis anos já apresentava um traço rigoroso e surpreendia com desenhos de qualidade superior. Aos dez, trocou os lápis pelos pincéis e começou a frequentar aulas de pintura. A sua primeira professora ficou fascinada com a habilidade daquela criança. Aos dezoito, inscreveu-se em belas-artes.

João Pedro nunca teve muitas ilusões sobre algumas realidades básicas da vida. Em primeiro lugar, estava plenamente convencido de que o mundo era dos ricos e dos bonitos. Uns porque podiam comprar o que quisessem, os outros porque conseguiam que lhes oferecessem tudo o que desejassem. Em relação a estes dois géneros de pessoas, sentia-se tão distante delas como se vivesse noutro planeta. Não era rico, nem nada que se parecesse, e quanto à beleza nem valia a pena falar disso. João Pedro pensava que os homens bonitos é que ficavam com

as mulheres bonitas e ponto final. E se um homem bonito ficava com uma mulher feia era por opção e nunca porque não conseguisse melhor. Em contrapartida, se uma mulher deslumbrante escolhia um homem feio, este só podia ser rico. Não é que se tivesse tornado cínico ou revoltado, simplesmente encarava estas verdades incontornáveis com serenidade e resignação. Encolhia os ombros, dizia: «É assim, o que se há-de fazer?»

João Pedro tinha-se em tão pouca conta que catalogava as pessoas em bonitas, vulgares, feias e, em último lugar, ele próprio. E compreendia-se que pensasse desta forma, embora fosse um pouco exagerado, mas, no fundo, só estava a resguardar-se das decepções. Quem nada esperava, nada tinha a perder, certo?

Já na universidade, deixou crescer a barba, o que lhe conferiu um aspecto mais normal. O novo visual aliado ao seu proverbial silêncio transmitiam uma atitude ponderada. Sendo um aluno excelente, conseguia, invariavelmente, as melhores notas e os colegas abordavam-no para lhe pedir ajuda, para lhe escutar a opinião. Doravante, João Pedro começou a compreender que tinha algum ascendente sobre os outros e foi ganhando confiança nas suas capacidades, mesmo se não deixara de ser tímido e um trapalhão crónico em tudo o que se relacionava com mulheres.

Agora era um tipo muito alto, com cara de boxer, mas com barba. Antes, achava que as pessoas, quando queriam referir-se a ele mas não sabiam o seu nome, diziam «sabes, aquele gajo alto com cara de boxer?» Isto era uma coisa que o irritava só de imaginar, quer dizer, só de pensar como as pessoas o descreviam, ou poderiam descrever, se falassem dele. Não deixava de ser um bocado estúpido irritar-se com uma coisa que não sabia se acontecia de facto, mas uma pessoa punha-se a pensar no que os outros pensavam dela e cismava com o assunto e ficava incomodada.

Grande parte dos rapazes da sua idade provocava cenas de pancadaria à noite, depois de beberem uns copos valentes, para descarregarem no primeiro bode expiatório que encontrassem a adrenalina acumulada com as coisas que os incomodava e não sabiam resolver. João Pedro também poderia fazê-lo e não se daria mal, pois era mais alto e mais forte do que a maioria dos tipos que encontrasse pela frente. Porém, ele já sabia a quantidade de estragos que o seu punho fechado podia fazer na cara de alguém e, além disso, não se sentiria reconfortado se atirasse um tipo qualquer para o hospital por causa de um problema que não tinha nada que ver com o outro. De resto, o problema não desapareceria por bater em alguém, pois não? João Pedro era aquele género de pessoa incapaz de esmagar uma barata ou de matar uma formiga, quanto mais de andar por aí a esmurrar desconhecidos.

Uma das vantagens de se ser alto e forte como ele, era não haver muitos tipos suficientemente estúpidos para o provocarem, e os poucos que o faziam arrependiam-se sempre. Em geral, não se metiam com ele, embora, uma vez ou outra, pudesse surgir algum arruaceiro bêbado determinado a testar a sua própria coragem. Desafiar João Pedro era mais ou menos como um forçado meter-se à frente do touro: ou sabia o que fazia, tipo cinturão negro de qualquer coisa, ou arriscava-se a ser virado ao contrário sem sequer ter hipótese de lhe tocar. E não havia por aí muitos cinturões negros bêbados capazes de o derrotar.

Um tipo chegava-se ao pé de João Pedro a meio da noite, numa discoteca, estando ele encostado ao balcão, tranquilamente, a beber o seu copo, e dava-lhe um encontrão. Ele avisava-o para ter cuidado. O outro aproveitava a deixa para o insultar.

— *Qué* que tu queres?! Fodo-te já as ventas.

— Tem lá calma, pá.

— Calma o caralho, vamos lá pra fora.

A manápula invulgarmente grande e forte de João Pedro abatia-se sobre a clavícula do parvalhão, fechava-se como se fosse esmagar-lhe os ossos, puxava-o como um boneco de trapos, falava-lhe ao ouvido sem se exaltar, com um sorriso intimidante.

— Pá, não achas que já bebeste demais?

O outro tentava soltar-se, a mão fechava-se com mais força em torno dele, empurrava-o para baixo, desequilibrava-o, tornava-se insustentavelmente poderosa, obrigava-o a dobrar os joelhos, a perder as forças.

No dia seguinte, o outro acordava com uma nódoa negra muito feia do pescoço até ao ombro, mas era só isto.

Em vez de andar a bater em bêbados, João Pedro deixou crescer a barba. Agora pensava que quando as pessoas se queriam referir a ele e não sabiam o nome diziam «sabes, aquele gajo alto de barba?» Talvez não fosse bem assim, mas era o que ele pensava, e isso é que interessava.

Uma colega da faculdade, Beatriz, cruzou-se com ele no corredor e comentou que uma amiga dela chamada Clara *talvez* quisesse conhecê-lo.

— No outro dia, ela perguntou-me quem era aquele alto de barba com quem eu estava a falar no final da aula.

Até lhe tremeram as pernas. Engoliu em seco, faltaram-lhe as palavras, sorriu sem jeito.

— Quem é ela? — perguntou.

— É a Clara, depois digo-te quem é. Olha, vem ali! Clara!

João Pedro tornara-se mais seguro de si graças aos resultados académicos, permitia-se dar conselhos aos colegas, tirar dúvidas, era bem visto por alunos e professores. Estes últimos, viam nele um pupilo de características prometedoras, com boas

qualidades técnicas, se bem que as suas boas notas resultassem mais de uma dedicação quase obsessiva do que da genialidade inata de um artista de excepção. Assim, dir-se-ia que, mais tarde ou mais cedo, João Pedro haveria de escolher entre ser um bom professor ou um pintor mediano. Por ora, ser o melhor aluno da faculdade já lhe bastava, era uma forma de afirmação importante que compensava todo o desprezo e todas as descon siderações. Mas, se a parte dos estudos estava bem resolvida, tudo o resto continuava a falhar. João Pedro não era muito sociável, quase não tinha amigos e arranjar uma namorada afigurava-se-lhe inverosímil.

— Clara, João Pedro. — Beatriz apontou para ela, apontou para ele. — Considerem-se oficialmente apresentados. Agora, deixem-me ir que já estou atrasada.

E foi, deixando-os numa situação constrangedora, a olhar um para o outro. João Pedro não falou, não achou nada interessante para dizer, sentiu-se estúpido. Em compensação, Clara falava pelos cotovelos, quanto mais nervosa mais ela falava, parecia uma máquina a debitar informações desnecessárias.

Abanou a cabeça, desconcertada.

— Esta Beatriz é maluca — disse. — Então, és o melhor aluno da faculdade. Ela disse-me que és fanático, que não fazes mais nada senão estudar. É verdade?

João Pedro sorriu, embaraçado. Clara disse que já o tinha visto antes, claro, sabia quem ele era, até frequentava algumas aulas com ele, embora ele nunca tivesse reparado nela, obviamente, porque ela ficava sempre nas últimas filas e ele nas primeiras. Não, na primeira, ele ficava sempre na primeira fila, via-se bem, era bastante alto, soltou um risinho nervoso, quanto é que ele media mesmo?, alguns dois metros, não? Bem, começou ele a dizer, não chegava a... pois, interrompeu-o, ela não passava do metro e sessenta e cinco, era pequena, fez uma

careta resignada, mas também não fugia muito à média, não era verdade? As mulheres portuguesas eram todas pequenas, bem, quase todas. Por acaso, até tinha uma amiga que poderia ser manequim, alta, bem, ele havia de vê-la, se fosse bonita até podia ser manequim, mas não devia muito à beleza, coitada, era amorosa.

Foram caminhando até à porta da faculdade, onde se separaram. João Pedro ia para a esquerda, Clara para a direita. Na verdade, ele também ia para a direita e, se não fosse, poderia ter inventado que ia e prolongado aquele momento; poderia ter apanhado o mesmo autocarro de Clara e, provavelmente, ficaria a saber onde ela morava. Mas João Pedro quase não abriu a boca e sentiu-se aliviado quando voltou a ficar sozinho. Aliviado e furioso consigo próprio. Perguntou-se que espécie de atrasado mental é que percebia que uma rapariga estava interessada nele e largava-a assim, sem dar seguimento à conversa, sem a acompanhar, sem lhe pedir o número do telemóvel.

Transpirava abundantemente, tinha a testa perlada de suor e a camisa colada às costas, e não era do calor que fazia, apesar de ser Verão. Nestas ocasiões corava, falhava-lhe a voz, enfiava as mãos nos bolsos para não se notar como tremiam.

Foi para casa, cabisbaixo, caminhando lentamente, a arrastar os pés, com os olhos postos no chão, ansioso por ir fechar-se no pequeno ateliê onde tinha o cavalete, as telas, as tintas, os pincéis, pôr-se a pintar e apagar da memória Clara e aquele episódio embaraçoso.

Aquela hora não havia ninguém em casa. Os pais estavam a trabalhar — o pai numa agência bancária na Almirante Reis; a mãe num pequeno infantário, na Amadora, onde era auxiliar de educação —, portanto, estaria sozinho, graças a Deus.